

Esportes

TORCIDAS ORGANIZADAS

# Falta de punição aos brigões

CARLOS MORAES/AGÊNCIA O DIA - 8/12/2013



TORCEDOR do Atlético/PR é arrastado após briga contra vascaínos em 2013



GERALDO RUBINAK/FOLHAPRESS - 8/12/2013

TORCEDORES de Vasco e Atlético/PR em briga generalizada. O jogo era válido pelo Brasileirão de 2013. Na foto ao lado, pedaços de pau, que viraram armas, estavam com uma torcida do Palmeiras

Na Inglaterra, os “hooligans” representam torcidas organizadas que agem com violência. Ou agiam. Isso porque o país europeu adotou a seguinte medida: afastar dos estádios os infratores identificados, que vão até as delegacias especializadas em dias de jogos.

Essa é a diferença do que acontece no Brasil. A falta de punição aos torcedores violentos, que mesmo identificados continuam presentes nas confusões nos estádios em dias de jogos, faz com que haja reincidência na visão dos especialistas em segurança pública.

“A falta de individualização dos crimes cometidos e a falta de punição levam o criminoso a reincidir. Se a imprensa consegue descobrir, por que a Justiça não consegue? No Brasil, a falta de punição estimula o infrator a cometer o crime novamente”, afirmou o professor de Antropologia da UUV, Adilson Vilaça.

Ele explica que os “brigões” ingleses tiveram uma lição. “Os famosos hooligans já causaram muitos problemas. Só que lá na Inglaterra, a lei funcionou, individualizaram os crimes e essas pessoas foram punidas”, completou.

Especialista em segurança, Jorge Aragão corrobora com a fala do professor: “Ele (torcedor que se envolve em brigas) é covarde e tem certeza da impunidade”.

Na visão da psicóloga Vivian Godinho Pezente, especialista em te-

rapia comportamental, a violência entre torcidas é uma soma de questões culturais e sociais, ligadas às ideias de impunidade e frustração dos agentes.

“Isso é reflexo da cultura, da história de vida que essas pessoas têm. É a fuga da própria realidade. Temos uma estrutura socioeconômica frustrante, desemprego, a crise piorou a situação. Acaba sendo uma válvula de escape para situações do dia a dia”, apontou a psicóloga.

O discurso de algumas torcidas também faz coro como o fator cultural. Co-fundador da Força Jovem do Vasco/18ª família no Estado, Frederico de Paula lembra que é possível notar problemas ligados à violência em qualquer evento com grande aglomeração.

“A sociedade é violenta. Se você vai a um bloco de Carnaval, a um show, vai presenciar episódios violentos. É difícil controlar a multidão, principalmente quando inclui o tempero da paixão, como é o caso do futebol”, afirmou o torcedor vascaíno.

“A falta de individualização dos crimes cometidos e a falta de punição levam o criminoso a reincidir”

Adilson Vilaça, professor de Antropologia da UUV



JOKA MADRUGA/FUTURA PRESS - 8/12/2013

HELICÓPTERO usado para resgate

## Líderes fazem defesa da paz e criticam o poder público

Líderes de torcidas organizadas pregam a paz no futebol e acreditam que a culpa pela barbárie envolvendo torcedores é de responsabilidade do poder público.

Para os membros das organizações, existem os maus torcedores, mas eles ressaltam que a maioria que torcer em paz.

Flávio Martins, que é vice presidente da Associação Nacional das Torcidas Organizadas e conselheiro da Young Flu, organizada do Fluminense, acredita que se as punições fossem individualizadas haveria menos brigas.

“Existem falhas do poder público com o futebol. As punições que são aplicadas são paliativas e não resolvem. Querem punir uma torcida inteira que não tem culpa. É claro que há os maus torcedores, aqueles que vão para criar confusão. Mas se as punições fossem individualizadas, teriam mais resultados”, destacou.

Um vigilante de 24 anos, integrante da torcida Jovem-Fla do Espírito Santo, que não quis se identificar, defendeu que as organizações tentam pregar a rivalidade sadia, mas a segurança pública tem deixado a desejar.

“As torcidas não podem se eximir de culpa. Tentamos botar na cabeça dos membros que a rivalidade é sadia. Antes a segurança pública agia de forma que conseguia conter a violência, mas as torcidas aumentaram e esse tipo de problema ficou à deriva”, apontou.

## Exposição na mídia atrapalha

Os membros de torcidas organizadas não são os únicos culpados pela violência no futebol e, em determinadas situações, podem ser consideradas vítimas. É o que diz a socióloga da Unicamp (SP) e especialista no tema Heloísa Reis.

Para ela, a mídia também tem responsabilidade sobre o crescimento da violência no futebol, quando veicula as imagens das agressões.

“Os jovens violentos querem ser protagonistas em cenas de brigas, pois sabem que vão aparecer na mídia”, comentou.

Heloísa citou estudos realizados no exterior que, segundo ela, mostram que as torcidas organizadas crescem à medida em que a mídia dá muita atenção ao tema.

“Há publicações acadêmicas dizendo que o crescimento dos ho-

ligas no Reino Unido contou com a contribuição da imprensa na medida em que a imprensa espetacularizava a violência”, explicou.

Questionada por que as torcidas organizadas no Brasil são violentas, a socióloga ressaltou que não são as torcidas, mas alguns membros.

“Uma das explicações é o fato de homens, geralmente jovens, se reunirem em grupos onde mulheres não são aceitas, para em dias de espetáculos futebolísticos disputarem competições de macheza com outros grupos de homens de outras equipes”, relatou.



DIVULGAÇÃO

HELOÍSA REIS afirma que a mídia tem responsabilidade sobre a violência, ao espetacularizar as brigas promovidas por torcidas

ANÁLISE

### “O que a mídia faz é colocar um assunto em evidência”

Muito se fala sobre o poder da mídia e a maneira como ela influencia a questão da violência no futebol. A mídia contribui com uma estrutura criada para enaltecer o espetáculo, com imagens de alta qualidade, comentaristas renomados e uma programação fixa na televisão.

O que a mídia faz é colocar um assunto em evidência, mas isso não significa que as pessoas deixam de interpretar e processar essas informações, adotando o discurso veiculado pelos meios de comunicação.

Acredito que a espetacularização dos clássicos aumenta a importância que os torcedores dão a

um determinado jogo de futebol, mas disso não podemos afirmar que a mídia contribui para incitar a violência.

Se esse fosse o caso, deveríamos aplicar essa teoria a outros eventos esportivos, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo, pois a cobertura desses eventos, seguindo o raciocínio, aumentaria a intolerância dos brasileiros contra estrangeiros, e não foi isso que aconteceu.

O problema é sempre dos outros, se mesmo num grupo de WhatsApp eu ofendo ou compartilho piadas que denigrem torcedores de outro time, eu também estou contribuindo para a formação dessa ‘cultura’ da violência.



Felipe Tassarolo professor de Jornalismo e Publicidade